

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 202

Data: 24 de fevereiro de 1989 Pg.: _____

ECOLOGIA

Outra polêmica na vida da Eletronorte

Diretor da "grande vilã" do encontro indígena explica as razões da escolha de Kararaó

Jorge Cardoso 21.02.89

A Eletronorte é a empresa estatal que cuida dos projetos energéticos para o Norte brasileiro. Ela foi responsável pela construção das polêmicas usinas de Balbina e Tucuruí, esta última no rio Tocantins, que afetaram algumas comunidades indígenas. A estatal parece ser a grande vilã do 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, organizado pelos índios que não aceitam a barragem Kararaó, projeto pensado para a região do rio Xingu, conhecida como Volta Grande. Segundo ela, esta é "uma região privilegiada para a produção de energia hidrelétrica, por apresentar uma queda bruta de aproximadamente 94m, entre as localidades de Altamira em Belo Monte, e a disponibilidade de uma vazão média de cerca de 8.600m³ por segundo, o que permite uma potência de 11 mil megawatts e a geração, por ano, de 4.675 megawatts". Se construída, será a segunda maior hidrelétrica do Brasil depois de Itaipu.

O diretor de Planejamento e Engenharia da Eletronorte, José Antônio Muniz, responsável pelo projeto Kararaó, explicou com exclusividade para o JBr, o que é a hidrelétrica e suas consequências, segundo o estudo da empresa:

JBr — Qual é na realidade a extensão da inundação que provocará a usina Kararaó?

Muniz — A barragem inundará 1.220 km². A cota de água do rio Xingu em época de inundação é normalmente 96,5%. Com a inundação da usina, a cota não vai ultrapassar 96%, ou seja, menos do que acontece habitualmente.

— Quantos índios serão afetados com a inundação?

— Existem 276 índios na região de Volta Grande, lugar onde pensamos em construir a usina de Kararaó. A maior parte deles, porém, mora isoladamente. Existe apenas um conglomerado com três famílias, que é a área indígena da Paquicamba. Na verdade, o total de pessoas a serem afetadas direta ou indiretamente pela hidrelétrica é de 344. As outras 58 pessoas que moram no local são brancos.

— Existe algum perigo da cidade de Altamira ser afetada também pela inundação da Kararaó?

— A interferência em Altamira, volto a enfatizar, é a mesma que a cidade está sofrendo hoje em época



Muniz (ao lado de Palakan no 1º dia do encontro) não conseguiu convencer os índios

de chuva. Não haverá grandes oscilações nos igarapés que margeiam Altamira: A usina ajudará, inclusive, a acabar com um problema da cidade, que são as palafitas. Com a inundação da hidrelétrica, elas vão ter que ser retiradas.

— Mas, e os outros problemas que Kararaó pode trazer, que não os causados apenas pela inundação, como a prostituição, a migração descontrolada para a cidade...

— Na medida em que a usina

for implantada, esses problemas podem se agravar realmente. Nesse período, a cidade receberá dois tipos de influência: a pesada, com a equipe permanente que morará numa vila residencial perto de Altamira, e a do pessoal do acampamento, que ficará morando perto da usina, a 60 km daqui. Depois, contudo, eu acredito que Altamira só terá benefícios.

— A população da cidade acredita piamente que a usina só trará progresso para a cidade.

Comenta-se, contudo, que a energia gerada por Kararaó não servirá a Altamira, mas somente às regiões Sul e Nordeste...

— Na realidade, ela não servirá a nem uma coisa nem outra. O sistema de energia brasileiro é parcialmente interligado no sentido Norte-Nordeste e Sul-Sudeste. Por exemplo, a região Norte, que é rica em potencial hídrico, está interligada energeticamente a uma região pobre, o Nordeste. Estamos providenciando um sistema de transmissão

saindo de Tucuruí, passando por Altamira, via Santarém, que interligará o oeste do Pará ao sistema de interligação Norte-Nordeste. O Brasil, contudo, precisa de mais energia, e a hidrelétrica de Volta Grande deverá produzir energia que beneficiará todo mundo, inclusive, Altamira. Kararaó abastecerá o mercado energético até o ano 2010.

— Já que se falou em sistema de transmissão, os ecologistas temem exatamente que as linhas de transmissão que interligarão Kararaó ao sistema nacional trarão vários problemas aos índios, pois essas linhas teriam que passar necessariamente em reservas e áreas indígenas...

— A linha de transmissão para o Nordeste acompanhará a Transamazônica, ou seja, não passará por nenhuma área indígena. Quanto à linha para o Sudeste, não foi definida ainda sua rota, por onde ela passará...

— Quer dizer que elas podem passar por aldeias indígenas?

— Não foi definido ainda por onde ela passará. Mas tem tempo ainda para se pensar nisso, pois se for aprovada, Kararaó só será construída daqui a cinco anos e, até lá, a comissão de planejamento de transmissão de energia da Amazônia, da Eletronorte, poderá encontrar uma saída que não afete os indígenas.

— Preocupa a Eletronorte a posição pró-ecologia do Banco Mundial? Parece que eles estão renitentes em emprestar dinheiro para a construção de usinas como a de Kararaó...

— Tenho lido na imprensa que as dúvidas do Banco Mundial em relação aos projetos hidrelétricos do Brasil, inclusive aos da Eletronorte, já foram eliminadas. Os conselheiros do Banco estiveram aqui na região de Altamira e tiraram todas as dúvidas com relação ao projeto de Kararaó. Só que as pessoas precisam saber que não estamos pedindo ajuda ao Banco Mundial. Esse não é um projeto definitivo. O projeto de financiamento depende da aprovação do projeto básico.

— Qual o valor da construção da usina?

— 5,9 bilhões de dólares. O projeto é tão bom que, assim que for aprovado, todo mundo vai querer financiar. **(Rubens Araújo)**